

**CORPO, PROSA E FICÇÃO:
VOZES DE MULHERES MARCADAS PELA DOR E EMPODERADAS PELA
LITERATURA.**

Jaiza Lopes Dutra Serafim (UERN)
jaizadutra@gmail.com

Lílian de Oliveira Rodrigues (UERN)
rodrigueslilian@yahoo.com.br

Resumo: Muitas têm sido as discussões na escola – mais especificamente – na educação básica de como? quando? e por quê? trabalhar as relações de gênero e sexualidade em nossas salas de aula. Tais discussões baseiam-se, quase que unicamente, na inserção/inclusão desses diálogos em todas as instituições de ensino sem nenhum tipo distinção (*preconceito*). Sabendo que toda e qualquer prática educativa necessita de um veículo de mediação, propomos neste artigo interceder por meio da literatura e da voz de mulheres como: *Iracema*, *Capitu* e *Bertoleza* marcadas, mesmo que ficticiamente, por suas lutas diárias, pelos estigmas sociais e por resistirem bravamente os olhares de uma sociedade culturalmente machista e opressora. Essas mulheres são até hoje exemplo e símbolo de resistência. Para tanto, acreditamos que para combater as opressões é preciso reconhecê-las. Reconhecemos, assim, a literatura como uma ponte de diálogo, reflexão e mediação das relações de gênero e sexualidade na sala de aula, refletindo sobre a condição social da mulher em diferentes contextos históricos e literários. Acrescentamos, também, que nossa pesquisa prima por compreender como as relações de gênero e dominação masculina ficcionalizadas nos romances: *Iracema* de José de Alencar, *Dom Casmurro* de Machado de Assis e *O cortiço* de Aluísio de Azevedo podem ajudar a combater a cultura machista, opressora e patriarcal ainda vigente em nossa sociedade. Para problematizar essa proposta, utilizamos as referências teóricas e metodológicas das concepções de literatura de Candido (2000), Pinheiro (2007), Jouve (2012), bem como as leituras sobre pós-modernidade, feminismo, relações de gênero e de sexismo na escola apontadas por Montserrat (1999), Heleith Saffioti, Simone de Beauvoir, Angélica Lovatto e Lelita Oliveira Benoit a fim de evidenciar como as relações interpessoais de gênero e sexo podem influenciar na construção dos sujeitos sociais e sua participação no mundo. Pois, compreendemos, que nossa ordem social é reflexo dos sujeitos/(as) que fomos antes, e dos/(as) sujeitos(as) que seremos um dia.

Palavras-chave: Gênero; sexismo na escola; ensino de literatura.

Introdução

“Mulheres comportadas raramente fazem história”.

– Feminismo na Rede.

Há diversas pesquisas que confirmam a dificuldade de ser mulher no Brasil e no mundo. Tais estudos apontam como nós mulheres sofremos diariamente com agressões: *sexuais, físicas, morais e verbais*. Os xingamentos, as ironias, os tratamentos grosseiros com viés discriminatórios e sexistas é motivo de repulsa e fardo na vida de muitas de nós. A fim de questionar, dialogar e refletir sobre essas questões, o presente trabalho, norteia-se por meio da leitura de três grandes clássicos da literatura brasileira. Os romances: *Iracema* de José de Alencar, *Dom Casmurro* de Machado de Assis e *O*

cortiço de Aluísio de Azevedo, quais trarão à tona vozes de mulheres – *Iracema*, *Capitu e Bertoleza*, marcadas por dores, lutas e muita resistência.

Optamos por escolher as mulheres que marcaram e marcam a literatura com suas histórias de vida. A luta de companheiras de ficção, que se tornam espelho de mulheres reais. Nossa proposta – propósito – é encontrar por meio desta discussão, estratégias de mediação do texto literário em função da ação humanizadora e de organização social, pois acreditamos que a leitura dos romances de *Iracema* de José de Alencar, *Dom Casmurro* de Machado de Assis e *O cortiço* de Aluísio de Azevedo condicionam e possibilitam o contato mais direto com o texto literário além de subsidiar a mediação sobre temas de função e formação sociais aqui pautados às relações de gênero. Propondo não só a leitura desses romances, mas a reflexão do texto literário, a fim de agir sobre os estereótipos femininos.

Pinheiro (2007) relata que “À medida que vamos nos aproximando do objeto (poema, conto, romance, etc.) é que vamos descobrindo elementos importante para leitura”. Ou seja, à medida que tomamos posse desse conhecimento nos tornamos capazes de compreender o que as mulheres desses respectivos romances têm a nos dizer. É por isso, que julgamos dizer que: “mulheres comportadas raramente fazem história”. Assim, tomamos a leitura dos clássicos da literatura brasileira (*Iracema*, *Dom Casmurro e O cortiço*), como corpus da pesquisa a fim de reconhecer os espaços que essas mulheres ocuparão ao longo de sua trajetória histórico-ficcional.

I. *Iracema*, *Capitu e Bertoleza*: mulheres que lutam e resistem em tempos de instantaneidade.

Há décadas os movimentos sociais vêm pleiteando espaços na sociedade – nas instituições – a fim de oferecer voz e melhores condições de vida aos que vivem à margem da sociedade e/ou aos que são marginalizados por sua condição. Nas páginas que seguem esse trabalho, analisaremos por meio da literatura como a voz de mulheres que fez e faz história – *Iracema*, *Capitu e Bertoleza* – podem nos ajudar a combater, bem como dialogar as atitudes sexistas presente até hoje na escola e na formação dos sujeitos que dela fazem parte. Aquelas atitudes que marginalizam a mulher e a levam a ser considerada um elemento social de segunda categoria. Pensar como os fios da realidade e ficção podem constituir um caminho para compreender e mediar às relações de gênero é o primeiro passo para construir e legitimar os espaços de luta em nossas escolas. No livro *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*, (MONTSERRAT, 1999, p. 14) nos diz que:

“Nós não organizamos o mundo de maneira original com o nosso pensamento, mas nos limitamos quase sempre a aprender a forma pela qual organizaram aqueles que nos precederam, quais são as categorias em que se divide o universo, que seres pertencem a cada uma delas, o que é o bom e o mau, o que deve ser e o que não deve ser.”

Ou seja, nós somos sujeitos de outros sujeitos. A representação que nós construímos do mundo precede da representação – espelho – de outros. Por isso, que a escola é marcada por sua dupla função: a formação intelectual e social dos indivíduos. Sobre isto, Montserrat continua no diz:

“Os modelos de comportamento atuam como organizadores inconscientes da ação, e é esta característica de inconsciência que torna mais dificilmente modificáveis. São transmitidos de geração a geração e século após século por meio da imitação de condutas e atitudes que não chegam a ser explicitadas verbalmente ou por escrito, mas que são conhecidas por todos e compartilhada por quase todos.” (MONTSERRAT, 1999, p. 30)

Os padrões e os modelos de condutas não são desconstruídos e/ou (re)construídos com tanta facilidade como nós pensamos, pois a maioria dos padrões de conduta discriminatória foi historicamente e culturalmente reproduzido por diferentes tipos de sociedades, assim, como ainda hoje os são. Os modelos e práticas sexistas são reproduzidas muito antes do nascimento: “*se for menina é rosa, se for menino é azul. Se for menino tem que jogar bola, se for menina tem brincar de casinha e boneca*”. O mais curioso, é que apesar de vivermos no mundo “moderno”, não admitimos que essas atitudes sexistas carregam muito mais que cores. Por isso, acreditamos que através da literatura conseguimos externar reflexões tão caras. A trajetória de mulheres como: Iracema, Capitu e Bertoleza nos mostra que a mulher desempenha outras funções além de cuidar da família (sexualidade, reprodução e socialização dos filhos).

Embora as personagens do livro estejam envoltas em um universo de ficção, Iracema, Capitu e Bertoleza é o retrato de mulheres reais, por serem legitimadoras de espaços marcados pela dor. Iracema, “a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.” (ALENCAR, 2000, p. 53). É símbolo da nacionalidade brasileira e marcada pelas abnegações realizadas por amor à Martim. Capitu, “era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda o não disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem incluir na alma do leitor, à força da repetição.” (ASSIS, 2008, p.74). Ao contrário de Iracema, Capitu demonstra uma atitude não submissa. É uma menina (mulher) que foge das idealizações românticas evidenciadas na obra por meio de suas curiosidades, sedução, inclinações de sentidos e independência de ideias. Para melhor compreendermos, façamos a leitura dos fragmentos que se seguem:

“As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. Eram de várias espécies, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, uma graves, outras frívolas; gostava de saber tudo. No colégio onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar francês, doutrina e obras de agulha não aprendeu, por exemplo, a fazer renda; [...] Se não estudou latim com o Padre Cabral foi porque o padre, depois de lhe propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de meninas. Capitu confessou-me um dia que esta razão acendeu nela o desejo de o saber”. (ASSIS, 2008, p. 74-75.)

Bertoleza, “crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de fora e amigada com um português que tinha carroça de mão e fazia fretes na cidade.”

(AZEVEDO, 1995, p. 03.). É a personagem que representa um meio social – *O cortiço* – onde os homens estão em constante processo de transformação. Bertoleza figura no romance uma mulher subordinada às vontades de seus senhores. Exercia todo o trabalho pesado e doméstico, além de corporatura as opressões e ser objeto sexual de seus senhores.

II. Uns gritam, outros emudecem: a dominação masculina e o poder do macho.

Desde sempre a história é contada por uma ótica social masculina. A representação e as vozes de sujeitas – mulheres – foram negadas tanto pela história, como pela política, arte e literatura. O fato é que essas histórias prevalecem. E a família, a religião e escola, muito infelizmente, são fortes disseminadores delas. Não! Não queremos dizer que toda história deve ser apagada e/ou construída sob uma ótica/discurso feminino, mas que essa construção (dominação) masculina seja objeto de reflexão em nossas salas de aula. Não podemos continuar alimentando a ideia de que os homens – o homem – representam todas as lutas e que essas relações de poder de nada influíram e/ou contribuíram para hierarquização androcentista social.

É por meio da construção da figura feminina no romance: *Iracema* de José de Alencar, *Dom Casmurro* de Machado de Assis e *O cortiço* de Aluísio de Azevedo, que contextualizaremos como as relações de homem/sujeito e mulher/objeto estão dispostas nos respectivos romances e na sociedade.

Dentro do discurso de *Iracema*, podemos perceber que a índia rende-se aos encantos do colonizador português, Martim, oferecendo abrigo em sua tribo. “– Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema”. (ALENCAR, 2000, p. 55). Apaixonada pelo colonizador português a índia é capaz de renunciar suas origens e seu povo. Iracema é assim, a personificação da mulher que está disposta abandonar e/ou já abandonou o limiar de sua vida apara seguir, e dedicar-se ao homem/amado. Capitu, por sua vez, quebra o modelo feminino burguês, pois se diferencia do modelo convencional de mulher, que obedece e deve respeito ao pai, ao marido e há outros homens que de alguma forma se fizeram presente em sua vida, unicamente por pela condição social (patriarcal) de serem homens. O autor traça um perfil de mulher que (des) constrói o ar de pureza e submissão. No livro, a passagem em que José Dias descreve os olhos de Capitu, conseguimos perceber como o autor desconstrói o ar de pureza em que as mulheres da época deveriam se enquadrar. “Tinha-me lembrando a definição que José Dias dera deles, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada.” Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim”. (ASSIS, 2008, p. 78). Os olhos de Capitu representam a sua multiplicidade enquanto ser mulher. Seus olhos marcam como a personagem é forte e misterioso. Compreendemos esses traços ao vê como Capitu não sede aos caprichos do marido Bentinho e suas exageradas crises de ciúmes, embora o ame profundamente, Capitu não compreende como o amado possa ser tão leviano a pensar que o trairia com o seu amigo Escobar. Os ciúmes de Bentinho e a suposta traição de Capitu nos mostra como a figura feminina sofrem até hoje com os abusos em suas relações amorosas. Bertoleza é circunstancialmente oprimida pelo o homem a quem confiou todas as suas economias, João Romão – dono do cortiço – seu amigado (*amor*), como é também rejeitada por ele, pois o mesmo prevê seu casamento com a filha do Miranda – português de posses – para unir as riquezas. “Mas, e a Bertoleza?... Sim! Era preciso acabar com ela! Despachá-la! Sumi-la por uma vez”.

(AZEVEDO, 1995, p.59). Bertoleza sofre múltiplas opressões por ser ela: mulher, negra e pobre. João Romão aproveita-se de sua condição de senhor (dono da escrava) para tirar proveito das habilidades da escrava e do dinheiro que vinha guardando. Após conseguir o que queria ele a descarta, como um objeto qualquer, o que deixa Bertoleza ainda mais frágil e revoltada, pois sabe que o João Romão a usou e agora deseja a qualquer custo casar-se com a filha do dono do outro Cortiço para unir as riquezas.

III. Assolação e Sofrimento

Depois de lermos a história dessas três grandes mulheres, percebemos o quão importante é, e como é frequente encontrar como atividade nas escolas a leitura de textos tão importante como estes. O que por hora questionamos é como esses textos são trabalhados em nossas salas de aulas, pois reconhecemos que os textos são clássicos da literatura, e que por isso, eles têm sempre algo de novo a nos dizer. Perceber como a voz e a figura feminina estão representadas nesses textos é construir a partir da sensibilidade leitora a formação de cidadã (os) que se conscientizem da importância do respeito com seus pares colegas (meninas, moças, mulheres) em nossas salas de aula, famílias e sociedade.

De fato, com o tempo, o que constitui o valor da obra é a evocação do sofrimento e das marcas que essas mulheres carregam consigo. Suas histórias de vida apresentam a condição da mulher nas sociedades de classes em contextos históricos, culturais, políticos e literários diferentes. A dor, a angústia e aflição marcam o desfecho das narrativas dessas mulheres. A morte de *Iracema*, *Capitu* e *Bertoleza* sinalizam o momento em que elas apresentam o mínimo de autonomia necessária para à sua existência.

Após ter dado à luz ao seu filho, Iracema passa por muitas dificuldades e empenha-se a salvar o seu filho. Entendamos no fragmento do romance que se segue que mostra como índia renunciou tudo para

“- Iracema!...

A triste esposa e mãe soabriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esforço grande, pôde erguer o filho nos braços e apresenta-lo ao pai, que o olhava extático e em seu amor.

- Recebe o filho de teu sangue. Era o tempo; meus seios ingratos já não tinham alimento para dar-lhe!

Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu, como a jetica se lhe arrancam o bulbo. O esposo viu então como a dor tinha consumido seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela, como perfume na flor caída do manacá.

Iracema não se ergueu mais da rede onde a pousaram os aflitos braços de Martim. O terno esposo, que o amor renascera com o júbilo paterno, a cercou de carícias que encheram sua alma de alegria, mas não puderam tornar à vida: o estame de sua flor se rompera”. (ALENCAR, 2000, p. 95).

Iracema apresenta todos os sacrifícios no papel de mulher: esposa e mãe. Pois, renúncia à tristeza da ausência de seu amado para salvar a vida de seu filho. Assim, Iracema morre, para salvar o filho de seu amado.

O desfecho de Capitu é trágico, mas sem muita melancolia. O que não poderia ser diferente, afinal, Capitu era mulher insubmissa e bem resolvida. Mesmo com a morte de Escobar, Bentinho continua enlouquecido de ciúmes e muitas desconfianças. Perde o bom senso e a razão e decide passar com a família uma temporada na Europa, chegando lá deixa a mulher e o filho voltando para o Brasil a fim de esquecer – desvincular – todos os laços afetivos com a mulher que ele diz ter amado mais que tudo na vida. Vejamos o relato de sua morte por meio da carta de Ezequiel:

“Ora, foi já nesta casa que um dia, estando a vestir-me para almoçar, recebi um cartão com este nome: EZEQUIEL A. DE SANTIAGO

- A pessoa está aí? Perguntei ao criado.

- Sim senhor, ficou esperando.

Não fui logo, logo; fi-lo esperar uns dez ou quinze minutos na sala. Só depois é que me lembrou que cumpriu ter certo alvoroço e correr, abraça-lo, falhar-lhe na mãe. A mãe, - creio que ainda não disse que estava morta e enterrada”. (ASSIS, 2008, p. 294).

Outra particularidade desse relato, é que o narrador da história – Dom Casmurro – não especifica (conta) a morte de sua amada Capitu. Além de demonstrar não sentir nenhum sofrimento quando Ezequiel – seu filho – trás a notícia. Bentinho parece vê a morte como a única deste “problema”. A exposição de sua retrospectiva ainda não foi capaz de dizer se Capitu realmente o traiu. Assim, Capitu é a representação da luta contra os modelos tradicionais.

A morte de Bertoleza é trágica. O autor descreve sua morte sem muitas enrolações. A morte de Bertoleza assemelha-se à de um animal qualquer. Leiamos o fragmento do ocorrido na obra:

“A negra imóvel, cercada por escamas e tripas de peixes, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar. Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, rasgara o ventre de lado a lado. E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinando moribunda numa lameira de sangue”. (AZEVEDO, 1995, p.159).

Depois de traída e sem qualquer tipo de perspectiva Bertoleza encontra na morte a única saída para se libertar de todo sofrimento. A morte de Bertoleza foi (é) antes de tudo uma ação revolucionária.

Conclusão

Após o estudo realizado, vimos que a leitura e a prática dialógica do texto literário na escola pode, assim como deve mediar, refletir, interceder sobre as relações de gênero pré-estabelecidas entre os sexos na sociedade. Compreendemos como as representações históricas, culturais e políticas influenciaram as transformações sociais, legitimando vozes que dantes não eram ouvidas. Descobrimos por meio da literatura que nem todos – todas – são livres, mas que somente os pensamentos – os diálogos – e a troca destes, pode nos (re) constituir emancipatoriamente.

Referências bibliográficas:

ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Martim Claret, 2000.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. São Paulo: Scipione, 1995.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6º. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

Investigações pedagógicas: reflexões sobre experiências educativas/ LÍlian de Oliveira Rodrigues, Maria Lúcia Pessoa Sampaio, Crígina Cibelle Perereira, José Cezinaldo Rocha Bessa (Orgs.). – Mossoró: Edições UERN, 2011.

JOUVE, Vicent. *Porque estudar literatura?*. São Paulo: Parábola, 2012.

MONTSERRAT, Moreno. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

PINHEIRO, Hélder. *Pesquisa em literatura. Campina Grande*: Bagagem, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.